

UM LUGAR AO SOL PARA AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO ENSINO DE PORTUGUÊS – LÍNGUA ESTRANGEIRA

A PLACE IN THE SUN FOR PHRASEOLOGICAL UNITS IN THE TEACHING OF PORTUGUESE – FOREIGN LANGUAGE

Maria Erotildes Moreira e Silva¹
Rosemeire Selma Monteiro-Plantin²

RESUMO

O Glossário Digital de Unidades Fraseológicas (UF)³ nasceu da necessidade de apresentar expressões idiomáticas, provérbios e fórmulas de rotina a estudantes de Português – língua estrangeira (PLE), com o objetivo de ampliar a competência fraseológica desses aprendizes. Assim, selecionamos exemplares de UF que figuram em gêneros textuais distintos e as apresentamos em determinados contextos a aprendizes de PLE, na perspectiva de tornar acessível, a professores de línguas e a estudantes, o ensino e a compreensão do sentido de determinados fraseologismos. Elaboramos alguns verbetes, em que a imagem é a ponte entre a UF e o sentido e, durante a realização de um minicurso a estudantes do Curso de Tradução da Universidad de Granada - España, os verbetes foram apresentados a estes estudantes com diferentes níveis de aprendizagem, e foi possível registrar as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas por eles, durante o desenvolvimento da compreensão do sentido dessas UF. No artigo em tela, pretendemos compartilhar as etapas da criação dessa ferramenta e identificar os elementos que podem contribuir ao desenvolvimento da competência fraseológica de aprendizes de PLE.

Palavras-chave: português língua estrangeira – material didático – unidades fraseológicas

ABSTRACT

This article presents the foundations of a Digital Glossary of Phraseological Units (PU) that consists of idiomatic expressions, proverbs, and routine formulas used in Brazil. We have selected examples of these Units, which appear in different textual genres, and we presented them in specific contexts to Portuguese as a Foreign Language (PFL) students, aiming to make the teaching and understanding of the meaning of these Units accessible to language teachers and students. We have created some entries which the

¹ Doutora em Linguística, pelo PPGL da Universidade Federal do Ceará. Professora no Departamento de Letras Vernáculas da UFC. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3065-5780>. E-mail: erotildes@ufc.br.

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade Federal do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5372-0894>. E-mail: meire@ufc.br.

³ Pesquisa desenvolvida durante a vigência da Bolsa PNPD-CAPES, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

image serves as a bridge between the PU and its meaning, and during a workshop for students in the Translation Course at the University of Granada - Spain, the entries were presented to groups with different levels of proficiency. It was possible to record the cognitive and metacognitive strategies used by them during the development of the understanding of the meaning of these PUs. In this article, we intend to share the stages of creating this instructional material and identify elements that can contribute to the development of phraseological competence in PFL students. These elements include the use of images, videos, and the influence of context in activating background to help understand the meaning of a phraseological unit. Therefore, the development of this material allowed us to assess the role of context in understanding a PU, and the results led to refuting the initial hypothesis because the cultural background of the student and their reading skills are important elements for comprehension. The meaning of a PU, as well as showing that dictionaries and glossaries are tools that can lead students to grasp the syntactic-semantic structures and pragmatic-cultural and affective aspects of phraseologies, but they require a bridge between the given and the new.

Keywords: *Keywords: phraseological units, instructional material, foreign language teaching.*

1 INTRODUÇÃO

A elaboração de material didático para o ensino de Português – língua estrangeira (PLE), com foco na Fraseologia, nasceu de uma necessidade aludida por professores da área, em relação a estratégias e recursos que viabilizassem a compreensão de Unidades Fraseológicas (doravante, UF), por aprendizes de PLE. Apresentamos, então, uma proposta de elaboração de um glossário digital que viesse a contribuir com o processo de construção de sentido dessas Unidades usadas no Brasil, além de fomentar outros estudos para a elaboração de material didático que atenda a essa carência e se configure com uma intervenção produtiva no ensino de línguas.

A produção de um material didático voltado a este nicho, nasceu, em primeira instância, quando entrevistamos setenta e oito professores e leitores que atuam em diferentes países e cerca de 87% dos docentes se referiram à falta de acesso a material didático diversificado como um fator recorrente nas aulas de PLE, ao mesmo tempo em que indicavam, nessa carência, a pouca atenção dada à compreensão das expressões idiomáticas, que figuram, em grande parte dos livros didáticos, na seção de “Curiosidades”.

Na seara da Política Linguística em que atuamos, defendemos que o (re)conhecimento da língua e dos valores socioculturais que a integram são essenciais à difusão de um idioma, agregando uma mais-valia a essa língua e contribuindo com uma ação que venha a diminuir o hiato entre a pesquisa acadêmica, a falta constante de financiamento a materiais de referência voltados ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira e as necessidades de professores e aprendizes que, por escolha pessoal ou profissional, querem, respectivamente, promover e se apropriar da língua portuguesa. Acreditamos que ações com esse cunho se configuram como uma intervenção que pode alterar o *corpus* e o *status* (Calvet, 2007) de uma língua, através do ensino e de ferramentas tais como aulas interativas, dicionários e glossários eletrônicos ou outros artefatos midiáticos.

Assim, para fundamentar nossa argumentação, na seção a seguir, apresentamos as interseções entre Política Linguística e elaboração de material didático, uma vez que concordamos com Calvet (2007), quando o autor advoga a necessidade de uma política linguística voltada a intervenções no *corpus* de uma língua, traduzida, por exemplo, na elaboração de material didático e/ou na atualização de orientações curriculares voltadas ao ensino de línguas.

Após a apresentação da base teórica, as diferentes fases de produção da ferramenta digital são descritas, na perspectiva de compartilhar o processo de produção de cada verbete e, por fim, os resultados do compartilhamento dos primeiros verbetes com alunos de PLE são mostrados em gráficos e discutidos à luz de nossa base teórica.

2 BASE TEÓRICA

Preliminarmente, apresentamos um recorte da História da Política Linguística, em que destacamos as contribuições de Calvet (2007), ao definir Política Linguística (PL) como um cabedal de intervenções que alteram a forma ou o *corpus* de uma língua, através de ferramentas de ensino diversas, implementadas por meio de um planejamento respaldado pelas relações de poder de um grupo, para assegurar determinado *status* a uma ou mais línguas, por seus aspectos jurídicos, sociais, políticos e econômicos que, em um crescendo, podem fortalecer ou enfraquecer uma língua em relação à outra.

No entanto, esse conceito sofreu considerável evolução quando as engrenagens que regem a condução dessas alterações passaram a ser salientadas na elaboração e compreensão dessas políticas. Dentre essas visões, destacamos Spolsky (2004) que ampliou o conceito de PL, quando defendeu que essa ação política se constitui a partir de três elementos interconectados: a gestão de uma língua, as crenças e as práticas em torno de uma língua. Assim, a política linguística advém de um comportamento linguístico e/ou das práticas de linguagem de um indivíduo ou grupo, segundo crenças sobre a língua utilizada por esse grupo e, de modo explícito, pode ser feita na gestão formal da língua, através de decisões planejadas por um órgão autorizado (Spolsky, 2004, p. 217), sob o argumento de que há uma política imbuída nas práticas linguísticas.

O autor, portanto, chama a atenção para a influência das representações e práticas sociolinguísticas em qualquer situação cujo foco seja uma mudança linguística - *in vivo* ou *in vitro* - na esteira do que preconizou Schiffman (2002), ao afirmar que a política linguística é fundamentada no comportamento, nas formas culturais, nos sistemas ideológicos e nas atitudes estereotipadas de uma comunidade acerca da(s) línguas ou associados a aspectos histórico-religiosos em torno de um determinado idioma⁴. A nosso ver, Schiffman (2002) e Spolsky (2004) ampliaram o conceito de Política Linguística, ao situarem essas intervenções a partir dessas relações e definiram com mais precisão o objeto de estudo dessa ciência. Desse modo, uma ação oficial sobre um idioma, quando planejada ou analisada, deve compreender o resultado dessas variáveis sobre a língua, em um determinado contexto.

⁴ Tradução livre de “[...] language policy is ultimately grounded in linguistic culture, that is, the set of behaviours, assumptions, cultural forms, prejudices, folk beliefs systems, attitudes, stereotypes, ways of thinking about languages and religio-historical circumstances associated with a particular language” (SCHIFFMAN, 2002, p. 05).

No tocante à língua portuguesa, como um exemplo positivo dessa intercessão preconizada pelos autores, podemos citar o lançamento do Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC)⁵, em 2015, construído a partir de contribuições de todos os países que integram a CPLP, em um exemplo de que a gestão de uma língua pode ser feita com a participação efetiva dos falantes dessa mesma língua, através de instrumentos que os representem, sem o hermetismo de uma decisão unilateral.

Tal posição se assenta no fato de que apenas a institucionalização de uma política oficial não é suficiente para que ela atinja seus objetivos. Isso pode ocorrer por inúmeros motivos, dos quais destacamos dois: o grupo social não comunga com o que foi proposto ou não está preparado, em termos de formação, para promover, explicitamente, a ação. Exemplo disso ocorreu com o Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa (AOLP), que passou a vigorar duas décadas após ser instituído e discutido entre os países que o acataram, mesmo sem um consenso que atendesse a todos os interesses.

Shohamy (2006) também elenca os componentes explícitos e implícitos concernentes às políticas linguísticas que traduzem uma engrenagem e eixos a serem considerados, quando se pensa na elaboração, implementação e análise de uma PL, seja a criação de um teste de proficiência ou a elaboração de um portal voltado à aprendizagem de uma língua, sob um determinado contexto econômico, histórico e social, além de ideologias conflitantes em torno de um idioma, visto que esse ajuste de interesses desvela um espaço a ser ocupado, através de práticas linguísticas, sejam explícitas ou implícitas.

Por outro lado, tais práticas são modificadas em função de novas exigências político-econômicas e sociais, tais como a expansão do mercado linguístico, no dizer de Bourdieu, (1996), que considera a valoração de uma língua em uma dimensão proporcional ao seu uso por uma determinada classe. Assim, a língua se transforma em capital linguístico que, por sua vez, é dominado por estruturas globais, em um círculo vicioso, em que a língua dominante apaga as demais, embora esteja subjugada a uma determinada situação socioeconômica e político-ideológica, a qual representa e é representada.

Shohamy (2006) considera os vários aspectos dessa engrenagem como agendas ocultas que se entremeiam em cada ação. Com essa visão, a autora chama a atenção para aspectos intrínsecos às políticas linguísticas praticadas, que são encobertas pelas ações oficiais, em função de determinados interesses e devem ser um ponto fulcral no processo de internacionalização de um idioma, com vistas a seu fortalecimento, em diferentes âmbitos.

Resta-nos avaliar tais ações, tendo como ponto de partida essas interseções, para compreender a razão desse(s) ocultamento(s), que, nas palavras da autora, são responsáveis por perpetuar ideologias hegemônicas e homogêneas, através de

⁵ “O VOC é um instrumento elaborado e concertado pela CPLP em 1990 e já aplicado plenamente pelas instituições públicas e pela generalidade da imprensa no Brasil e em Portugal e gradualmente nos restantes países.” Informação disponível em: <https://iilp.wordpress.com/2015/02/20/plataforma-do-voc-esta-o-ar/>. Acesso em fevereiro de 2015.

determinados mecanismos como a educação linguística monolíngue ou a eleição de determinados padrões, em detrimento das variantes linguísticas que constituem uma língua, por exemplo.

Shohamy (2006) reitera as concepções de Schiffman (2002) e chama a atenção para o fato de que esses instrumentos indicam, por exemplo, o posicionamento dos gestores das políticas declaradas, embora isso ocorra implicitamente. Assim, acordos bilaterais são exemplos de um mecanismo explícito, mas a existência ou não de material didático para um ensino bilíngue são mecanismos implícitos que podem alavancar ou diminuir a força política de um idioma.

A autora propõe, com base em Schiffman (2002), a elaboração e a análise de uma PL com base em seu tecido social e em uma cultura linguística autóctone, com um olhar atento aos mecanismos responsáveis pela manifestação e reprodução de tais políticas, posto que são definidos pela influência de ideologias e de práticas linguísticas, sem isenção dos aspectos que estão em sua gênese, conforme ilustramos no desenho a seguir, com base na linguista israelense:



Figura 1: elementos intrínsecos a uma Política Linguística.

A autora ressalta, ainda, que não há clareza em relação ao poder desses mecanismos nas políticas linguísticas praticadas na sociedade contemporânea, em relação ao modo como os falantes percebem o valor social de uma língua, mas suas escolhas podem determinar as ideologias da população em relação à (des)valorização de um idioma e, se consideradas pelos legisladores, podem determinar algumas posturas quando da elaboração de mecanismos que interferem na gestão de uma PL, na percepção e no uso de um idioma.

Assim, em uma intervenção no *corpus* do português, com base em Spolsky (2004) e Shohamy (2006), a elaboração de material didático deve considerar as necessidades do público a que se destina e, ao mesmo tempo, levar em conta a carga cultural e ideológica presente na língua e os processos cognitivos que afloram no processamento, na compreensão e na produção textual.

Ao tratar da compreensão das expressões idiomáticas pelo aprendiz de PLE, Ortiz-Alvarez (2015: 274) lança uma luz sobre a questão quando afirma que o estudante “estabelece comparações entre as estruturas e seu uso na língua que está aprendendo e na sua língua materna, como estabelece comparações entre a realidade da comunidade de sua língua e a da língua estrangeira.”

Assim, o ensino de uma língua estrangeira requer que o aprendiz possa fazer uso da nova língua, em que o componente cultural é a força motriz do processo, perpetuado em dicionários e glossários, por exemplo, pois constituem-se não só como uma ferramenta de auxílio que vai levar o aprendiz à ativação de conhecimentos prévios ou armazenados na memória, mas abarcam, além das estruturas sintático-semânticas, os aspectos pragmáticos e afetivos relacionados ao novo conhecimento.

No tocante ao ensino e aprendizagem das UF, faz-se necessário, nas palavras da autora, a adequação do uso das unidades fraseológicas a um contexto, além da atribuição de sentidos a cada UF, através de estratégias tais como a ativação de experiências anteriores e de conhecimentos prévios, com a elaboração de uma ponte entre o dado e o novo, seja pela presença de um contexto ou pela apresentação de usos efetivos, como condição essencial à aprendizagem desses construtos linguísticos, em que a carga cultural de uma comunidade linguística está representada.

Desse modo, é imprescindível que na elaboração de uma ferramenta de auxílio à aprendizagem de uma LE, haja espaço para a compreensão de “aspectos culturais compartilhados pelos membros de uma dada comunidade linguístico-cultural”, além do “entendimento das capacidades de captação da mensagem que essas expressões trazem.”, nas palavras de Ortiz-Alvarez (2015). Ao se pensar no desenvolvimento de determinadas competências, cabe questionar aos elaboradores desse material e dessas políticas, em que medida a elaboração de estratégias e de materiais didáticos são pensadas a partir dessas engrenagens, de modo que venham a desenvolver a competência fraseológica e, por extensão, a competência comunicativa, para facilitar a compreensão e o uso da língua-alvo.

Assim, na perspectiva de considerar esta engrenagem, iniciamos a apresentação das etapas de produção de um glossário voltado ao (re)conhecimento de algumas expressões idiomáticas usadas no Brasil, com a definição das UF como unidades linguísticas ou lexias complexas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia e abrigam “as sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações”, nas palavras de Monteiro-Plantin (2012, p. 33).

Tais Unidades trazem características que nos auxiliam em seu reconhecimento, tais como a convencionalidade e a frequência em seu uso; tal característica pode contribuir para a identificação de uma dada lexia por sua estrutura constante e uso com o mesmo sentido, em diferentes gêneros. A segunda característica - a fixação ou cristalização, na língua, atribui a essa lexia complexa uma estrutura formal e semântica única.

Já a transparência ou opacidade – terceira característica - dessas lexias pode facilitar ou não sua compreensão, o que requer outras estratégias de compreensão; já a polilexicalidade, visto que uma UF é composta por mais de uma lexia, que não pode ser

decomposta, pelo risco de perder seu “lugar ao sol” e, por fim, a idiomaticidade, que consiste no mais alto grau de especificidade semântica de um jogo de palavras, em uma dada língua, também, interferem no reconhecimento dessas lexias em um texto.

Assim, com base nestas características e nas palavras de Ortiz-Alvarez (2000, p. 73) as expressões idiomáticas se caracterizam, por um conjunto inquebrantável de termos que, por sua vez, compõem um exemplar dessa unidade e traduzem um olhar sobre o mundo, além de dar um caráter identitário e cultural a uma língua. No entanto, o (re)conhecimento das características dessas lexias é insuficiente para que se possa compreender o sentido de cada uma.

Na perspectiva de contribuir para a inserção das UF nas aulas de PLE, buscamos elaborar uma ferramenta que possibilitasse a compreensão do sentido dessas lexias complexas, a partir da apresentação de exemplares de expressões idiomáticas em forma de verbetes, que amparados por diferentes contextos comunicativos, poderiam levar o aprendiz de uma língua estrangeira, no caso a língua portuguesa, a inferir o sentido e a situação comunicativa em que determinados fraseologismos são utilizados cotidianamente.

3 METODOLOGIA

Para elaborar esta ferramenta, doravante denominada Fr@seodigital e definido como um Glossário de Unidades Fraseológicas, com expressões idiomáticas, verbetes e fórmulas de rotina, procuramos considerar o impacto sociocultural e de socialização que estas UF trazem ao cotidiano brasileiro, sem distinção de região geográfica, mas amparada na cultura e na promoção da língua portuguesa.

Desse modo, a elaboração do Glossário de Unidades Fraseológicas (UF) teve etapas diferentes e concomitantes, aqui apresentadas de forma didática, para auxiliar a uma possível replicação:

1 Levantamento de diferentes exemplares de Unidades Fraseológicas, compiladas, principalmente, no Google, e utilizadas em uma situação real, em diferentes gêneros textuais, à luz de pressupostos teóricos referendados pela Fraseologia e pela Lexicologia Aplicada, conforme Ortiz-Alvarez (2000), Monteiro-Plantin (2012).

2 Descrição das Unidades Fraseológicas, com a apresentação de uma imagem/ícone ou de um vídeo que possa traduzir o sentido da UF, já utilizada em uma situação comunicativa real, além de dois exemplares que possam atestar o uso atual da expressão.

3 Organização das Unidades Fraseológicas em verbetes elaborados, com base em um modelo microestrutural utilizado na formulação do “Glossário Trilíngue de Termos do Vestuário” (Farias e Bezerra, 2008), conforme apresentado no quadro a seguir:

Unidade Fraseológica (LP) + Variante gráfica + Paradigma pragmático + Paradigma informacional+ Sinônimos em LP/Variantes + Link para outra ocorrência).

4. Revisão textual dos verbetes já finalizados e posterior divulgação, através de oficinas aplicadas a estudantes e professores de PLE.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto para a produção de material didático destinado ao ensino de PLE, nascido no grupo de pesquisa denominado Políticas Linguísticas para Internacionalização do Português (PLIP - PPGL – UFC), veio ao encontro de uma demanda apresentada por docentes que ensinam nossa língua em diferentes países e pela perspectiva de trazer à tona uma discussão sobre políticas explícitas e implícitas em torno do ensino da Língua Portuguesa.

Não há, por exemplo, uma discussão em torno da situação comunicativa que envolve o uso de uma UF ou a carga cultural que cada exemplar carrega. As práticas linguísticas e as crenças traduzidas no uso de uma UF pouco são trabalhadas quando elas são apresentadas em meio a um diálogo, por exemplo. Ao analisar o modo como as UF eram abordadas em diferentes materiais, percebemos que havia a preocupação com a análise do provérbio ou da expressão idiomática a partir de uma imagem ou gravura que abordava o sentido literal do texto.

Nossa proposta preocupa-se, pois, com a compreensão do sentido de determinadas Unidades, também com o uso de uma imagem ou de um vídeo, mas levando em conta o uso real de uma determinada Unidade em textos autênticos, com a intenção de mostrar crenças e práticas culturais que perpassam uma EI, conforme o verbete apresentado a seguir.

ENTRADA: ENTORNAR O CALDO.

CONTEXTO

1:

Vídeo:

<<https://observatoriodetelevisao.bol.uol.com.br/capitulo-da-novela/2018/01/tempo-de-amar>> Acesso: janeiro de 2018.

Outras formas de dizer: “UM CALDO PARA ENTORNAR”.

Sinônimos: “VER O CALDO A DESANDAR”.

Definição: 1 Provocar briga ou causar desordem ao atuar de forma grosseira; 2

Causar o insucesso de um plano. Fonte:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caldo/>

Caracterização: Expressão idiomática categorizada como Gastronomismo, em uma alusão metafórica ao ato de provocar um vexame à mesa ao entornar o caldo.

CONTEXTO 2: “E se o caldo entornar? (...) Para manter as expectativas em dia, essas empresas apostam no relacionamento mais estreito com as pequenas e médias empresas (PMEs). “O Brasil está cada vez mais empreendedor e queremos que

funcionários e colaboradores dessas empresas sejam valorizados”, conta Varela. No caso da Edenred, uma iniciativa adotada foi a criação do Ticket Center, uma área destinada a esse público. “Além disso, temos pela frente um novo cenário com a recente aprovação do vale cultura”, lembra Aguirre. **A questão é ver se o caldo da economia não vai desandar até o fim do ano.”**

Fonte: <http://revistamelhor.com.br/e-se-o-caldo-entornar/> Acesso: abril de 2018.

Quadro 1: exemplo de verbete

Buscamos, com base em nossa hipótese inicial, apresentar um ou mais contextos comunicativos em que a expressão idiomática é utilizada, uma vez que, também, defendemos a necessidade de uma imagem, de um ícone ou de um vídeo em que o fraseologismo seja utilizado em meio a uma situação comunicativa real. Além disso, apresentamos a definição da EI focalizada, no âmbito da língua geral e dentro dos cânones da Fraseologia.

Nesta configuração, o verbete é constituído da apresentação de uma UF na entrada, seguida de um ícone ou imagem e outras especificidades de um verbete, tais como uma provável variante, além de uma exemplificação do uso atual da UF em diferentes gêneros em que o uso da expressão idiomática é condição essencial para que a intenção comunicativa se concretize. Assim, cada verbete traz textos autênticos para exemplificar o uso do fraseologismo e, principalmente, mostrar seu uso em diferentes momentos, traduzindo as práticas linguísticas em uma dada comunidade de fala.

ENTRADA: TER UM DEDO DE PROSA.

CONTEXTO 1:



Fonte: Esta foto de Autor Desconhecido está licenciado em CC BY-NC-ND

Outras formas de dizer: Dois *dedin* de prosa;

Sinônimos: bater zoada fora; bate-papo; dois dedos de conversa (Portugal).

Definição: Língua geral (Lg.): 1 Conversa sem formalidade. 2 Locução substantiva: conversa rápida. Fonte: <http://dicionarionet.com/palavra/um>

Caracterização: Expressão idiomática categorizada como Somatismo, em uma alusão metonímica a uma parte do corpo para significar uma parte da ação.

CONTEXTO 2:



Fonte 2:<<https://www.saraiva.com.br/todo-verso-merece-um-dedo-de-prosa-9408696.html>> Acesso: 09.05.2018

Quadro 2: exemplo de verbete

Na elaboração de cada verbete, o modelo de Farias e Bezerra (2008) sofreu algumas alterações, face à especificidade desse Glossário e de cada UF, uma vez que nosso objetivo é abrir espaço para uma reflexão sobre a função social e a percepção dos valores éticos carregados no uso de cada fraseologismo.

Para aferir a validade das hipóteses acima relacionadas, os verbetes, produzidos nos moldes acima, foram avaliados por um grupo de estudantes do *Curso de Traducción*, da *Universidad de Granada*, na Espanha, com o objetivo de verificar o processo de compreensão do sentido de cada UF apresentada, através das imagens e do uso dessas UF nos gêneros e situações apresentadas, a fim de se avaliar a pertinência do material nas aulas de PLE.

No Gráfico 1, apresentamos o resultado da análise feita pelos estudantes e pela professora de PLE que acompanhou a aplicação desse teste-piloto:

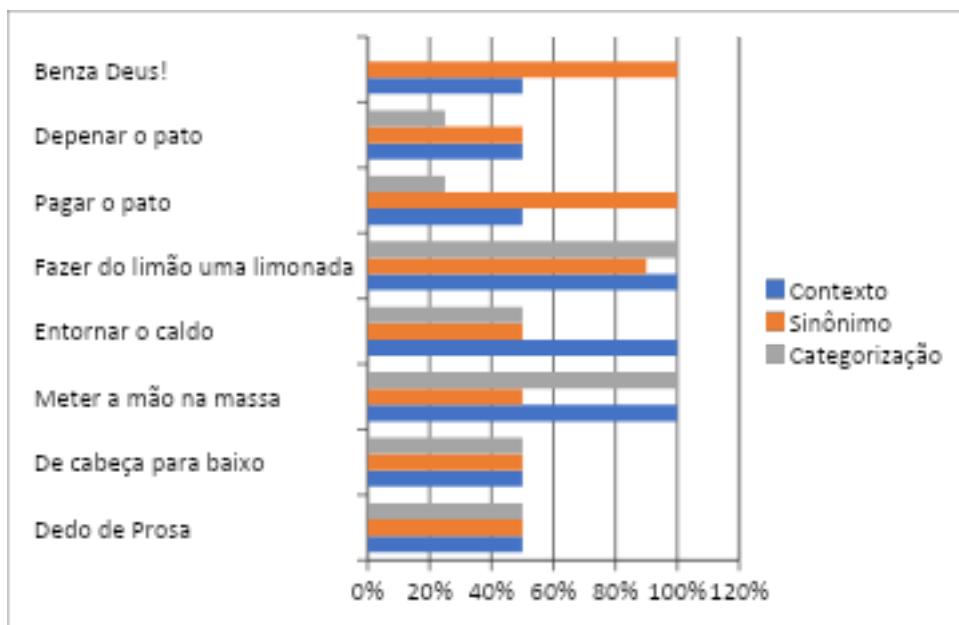


Gráfico 1: Fatores intervenientes na construção do sentido de cada unidade fraseológica:

A análise da oficina voltada à compreensão do sentido das UF apresentadas acima, trabalhadas com os aprendizes de PLE, em forma de verbetes, revelou que a compreensão dos sentidos de cada UF deu-se pela soma das informações apresentadas aos estudantes e não só pelo contexto, contrariando nossa hipótese inicial. Em nossa análise, o contexto levou os participantes a ativarem o conhecimento prévio sobre o sentido das UF apresentadas e confirmaram suas hipóteses ao terem contato com as imagens apresentadas, conforme ilustram os depoimentos a seguir:

“O título “Um dedo de prosa” pareceu estranho, mas depois a imagem e os sinônimos me fizeram ver que era um bate-papo ou algo assim” (Participante 1, 20 anos – Nível intermediário em PLE)

“Na UF “entornar o caldo”, todos foram unâimes em afirmar que a expressão dos personagens, principalmente da menina, ajudou a entender. Saber que é um Somatismo não ajudou, pois percebi melhor com o vídeo.” (Participante 13, 20 anos – Nível Intermediário).

Vale salientar que nem sempre o contexto foi um facilitador dessa compreensão, pois, no caso das canções, a compreensão foi prejudicada, devido a rapidez da pronúncia do cantor.

Essas observações nos alertaram para o fato de que os textos orais demandam mais tempo para serem compreendidos e que o texto escrito deve ser apresentado ao conselente em um primeiro momento, para que ele possa familiarizar-se com o texto. Por fim, dentre as informações imprescindíveis em um instrumento que será consultado virtualmente, os participantes dessa primeira avaliação sinalizaram a necessidade de definições mais detalhadas, de mais exemplos e da indicação de diferentes usos para as Unidades listadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nosso ver, o modelo de glossário ora apresentado pode contribuir para a ampliação da competência fraseológica dos aprendizes de PLE, definida como a habilidade para mobilizar saberes e experiências anteriores com o objetivo de perceber e interpretar os sentidos de lexias complexas, através do processamento da carga cultural de uma dada comunidade linguística e da recriação de situações comunicativas produtivas.

Esta pesquisa também permitiu avaliar o papel do contexto na compreensão de uma UF e os resultados levaram a refutar a hipótese inicial, pois, além do contexto, a bagagem cultural e as habilidades de leitura do aprendiz são elementos importantes para a compreensão do sentido de uma UF, tendo em vista o desafio que os levou a estabelecer comparações entre a língua materna e a língua-alvo, através do uso de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura. Esse dado evidencia que dicionários e glossários são ferramentas que podem levar o aprendiz a abranger as estruturas sintático-semânticas e os aspectos pragmático-culturais e afetivos desses fraseologismos, mas necessitam de uma ponte entre o dado e novo, conforme defendem Gonzalez-Rey (2005) e Ortiz-Alvarez (2015).

Um ponto a ser considerado durante o estudo das UF nas aulas de língua estrangeira é o cuidado com o uso de imagens que traduzem literalmente essas unidades, conforme já verificamos em diferentes materiais. Para exemplificar, a imagem de um caixão e de uma vela preta, para ilustrar a expressão “caixão e vela preta” não levará o aprendiz a perceber o sentido da expressão que remete a uma solução inexistente e a um problema grave, pois uma interpretação literal de quaisquer fraseologismos não trará à tona a carga significativa dessas lexias.

Assim, cumpre atentar para a qualidade do material a ser levado à sala que, além de indicar respeito pelo aprendiz e pela cultura da língua-alvo, também reflete o conhecimento do professor por seu ofício e revela as PL implícitas que perpassam a produção do material, tais como a formação docente e a concepção de língua e de ensino presentes naquela ação.

De acordo com Spolsky (2004) e Shohamy (2006), as engrenagens que perpassam as políticas linguísticas podem ser determinantes para a expansão ou apagamento de uma língua ou cultura, o que nos alerta para a necessidade de ponderar sobre o material utilizado ou produzido para o ensino de línguas e alimenta nossa busca por alternativas em relação a um material didático autêntico.

REFERÊNCIAS

- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Prefácio de Gilvan Muller. Trad. Isabel Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Pátrabola, 2007.
- FARIAS, E. M. P; BEZERRA, T. M. Frota. **Glossário trilíngue de termos de vestuário**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- GONZÁLEZ REY, M^a Isabel. **De la didáctica de la fraseología a la fraseodidáctica1. Paremia**, 21: 2012, pp. 67-84. ISSN 1132-8940.
- MONTEIRO-PLANTIN. Rosemeire. **Fraseologia: era uma vez um Patinho Feio no ensino da língua materna**. V 1 – Fortaleza: Edições UFC, 2012.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luiza. Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 334 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2000. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269747>.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luiza. A competência fraseológica no aprendizado das expressões idiomáticas. In: MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma (Org.) **Certas palavras o vento não leva**: homenagem ao Professor Antonio Pamies Bertrán. Fortaleza: Parole, 2015, p. 261 – 286.

SCHIFFMAN, Harold F. **Linguistic Culture and Language Policy**. Taylor & Francis e-Library, 2002.

SHOHAMY, E. **Language policy: hidden agendas and new approaches**. London/ New York: Routledge, 2006.

SPOLSKY, B. **Language policy**. New York: Cambridge University Press, 2008.